

A interpretação materialista de Schopenhauer por Alfred Schmidt¹

The materialist interpretation of Schopenhauer by Alfred Schmidt

Matthias Kossler

*Professor da Johannes Gutenberg-Universität Mainz e
Presidente da Schopenhauer-Gesellschaft (Alemanha)*

Tradução de

Maria Lúcia Cacciola

*Doutora em Filosofia pela USP e Professora do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da USP.
Presidente da Seção brasileira da Schopenhauer-Gesellschaft*

É digno de nota que Alfred Schmidt, em seus dois escritos mais significativos e eficazes, tenha posto Schopenhauer em conexão com direções de pensamento contra as quais ele teria polemizado com expressões fortes. Isso vale, em primeiro lugar, para o primeiro dos referidos escritos, o ensaio que apareceu pela primeira vez em 1977, intitulado *Schopenhauer e o materialismo*, sobre o qual recai o maior peso da presente contribuição. Schopenhauer se refere ao materialismo como “rude” e “raso” e aos materialistas como “sem gosto” e “estúpidos”. Algo parecido acontece com o livro publicado em 1936, *A verdade travestida de mentira. A filosofia da religião em Schopenhauer*, pois Schopenhauer fala da religião como um estranho hermafrodita ou centauro², já que aqui duas coisas não unificáveis, religião e filosofia estão fundidas. Parece que aí também desempenhou um papel um certo gosto de ler Schopenhauer a contrapelo, tanto em relação à letra do próprio filósofo, como também aos seus discípulos e seus intérpretes tradicionais.

É também pertinente notar que Schmidt tenha sempre acentuado o papel provocador do materialismo. Para ele, o materialismo não é uma visão de mundo, mas, ao contrário, um meio de sacudir visões de mundo prontas e acabadas [estabelecidas]. Isto também vale para o pessimismo, que Rudolf Malter designou como um “conceito

1 Este texto foi publicado originalmente no *Schopenhauer-Jahrbuch*, Vol. 95, de 2014.

2 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II. Tradução brasileira de Eduardo Ribeiro da Fonseca, p. 259.

crítico”³; e não é, pois, de se admirar que, para Alfred Schmidt, materialismo e pessimismo sejam estreitamente interdependentes. Também na pesquisa schopenhaueriana vem a baila esta função desestabilizadora do conceito de materialismo, sobretudo porque Schmidt não apenas associou Schopenhauer com o materialismo clássico francês da Ilustração, mas especialmente com o materialismo marcado por Marx e Engels. Consequentemente, estabeleceu-se na pesquisa o conceito de uma “esquerda schopenhaueriana”⁴ que tem de atuar junto à interpretação da visão de mundo tradicional burguesa de Schopenhauer como provocação.

Essa intenção apresenta-se com menor evidência no livro sobre a filosofia da religião em Schopenhauer. A tentativa de aproximar filosofia e religião em Schopenhauer, mais do que deixa entrever que o pensador legado por Nietzsche à posteridade como “o primeiro ateu honesto e inflexível”⁵, tinha já longa tradição. Paul Deussen e Hans Zint, a quem se ligava Schmidt em pontos essenciais, devem ser citados aqui. Mas, para Schmidt, não se trata, como para eles, de conciliar Schopenhauer com o Cristianismo. Interessa-lhe tanto “o filósofo que coloca a verdade, sempre posta em perigo, acima das doutrinas de fé tradicionais, quanto o que desperta de modo herético, buscando dotar essas doutrinas de um novo sentido”⁶. Poder-se-ia, talvez, ver de tal forma que a “religiosidade imanente”⁷, que Schmidt juntamente com Zint aponta em Schopenhauer, deve servir como um meio de salvação contra um materialismo autossuficiente, que tende, por seu lado, a se fixar numa visão de mundo. Não há uma volta para a religião, mas a religiosidade que se liberou de todas as formas determinadas permanece como provocação contra um materialismo raso, contra a perversidade⁸ de uma “Física absoluta”⁹ da qual falou o próprio Schopenhauer.

Tanto a ligação do materialismo com o pessimismo como o pensamento de “uma salvação da fé cristã por meio destes teoremas contraditórios” liga Schmidt ao seu mestre Horkheimer, mas ele trabalhou tais temas – como era seu hábito – com mais

3 MALTER, R. *Der eine Gedanke, Hinführung zur Philosophie Schopenhauers*. Darmstadt, 1988, p. 102 e segs.

4 Cf. LÜTKEHAUS, L. *Ist der Pessimismus ein Quietismus? Überlegungen zu einer Praxisphilosophie des Als-ob*. In: HÜHN, L. *Die Ethik Arthur Schopenhauers im Ausgang vom Deutschen Idealismus (Fichte/Schelling)*. Würzburg, 2006, pp. 225-238, p. 226.

5 NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*, § 357, p. 599.

6 SCHMIDT, A. *Die Wahrheit im Gewande der Lüge. Schopenhauer Religionsphilosophie*, p. 18.

7 Idem, p. 131 e segs.

8 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Parerga und Paralipomena II*, p. 108.

9 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 269 e segs.

profundidade. Onde Horkheimer permanece no âmbito de uma caracterização muito sumária da filosofia de Schopenhauer, seu aluno estabelece as premissas para um amplo e sólido fundamento de análise histórica, premissas essas que experimentaram uma continuidade autônoma por meio de conhecimentos espantosos de todos os textos disponíveis de Schopenhauer. Em especial as análises do conceito de natureza em Marx, o intenso acerto de contas com Bloch, especialmente sobre a investigação fundamental deste sobre a história e o fundamento do problema do materialismo¹⁰ e seu trabalho com Feuerbach, deram um decisivo impulso à temática “Schopenhauer e o materialismo”. Pois aqui é para se encontrar um conceito do materialismo ao qual a doutrina de Schopenhauer possa ser acoplada, sem que se tenha que negar seus argumentos e invectivas contra o “materialismo”, já que eles apenas dizem respeito a uma forma deste não desenvolvida, ou seja, simplificada. Uma confirmação dessa tese e uma pista que conduz de determinadas formas do materialismo a Schopenhauer, encontrou Alfred Schmidt nos médicos filósofos do século XVIII, sobretudo em Jean Georges Cabanis e Marie François Xavier Bichat¹¹. Escritos de ambos os cientistas foram encontrados na biblioteca póstuma de Schopenhauer. O fato de, segundo Hübscher¹², Schopenhauer ter conhecido, em 1824, Cabanis, e, em 1838, Bichat, concorda - aos olhos de Schmidt - com sua tese de que o aspecto materialista surge de modo essencialmente mais claro na segunda edição de *O mundo como vontade e representação* (1844).

Assim, tratando-se da interpretação materialista de Schopenhauer por Alfred Schmidt, deve-se antes considerar sua interpretação do materialismo. Num artigo curto isso só pode ser levado a efeito de modo bem grosseiro e esquemático. Uma primeira indicação pode ser obtida ao se considerar que espécie de materialismo Schmidt não quer reivindicar para si. E este é o “materialismo mecânico” que “identifica o ser com o ser corporal”, onde corporeidade significa que a natureza é inteiramente quantificável e matematizável, reduzindo-se todos os movimentos a mudanças de lugar¹³. Esta determinação corresponde à imagem que tem Schopenhauer quando ataca os “toscos” e “desastrados” materialistas, que não conseguem pensar em outra realidade a não ser numa “*matéria* fabulosa desprovida de qualidades”, sem nenhuma outra “atividade além

10 Cf. BLOCH, E. *Das Materialismus Problem, seine Geschichte und Substanz* (Gesamtausgabe Vol. 7). Frankfurt/Mainz, 1972.

11 Cf. SCHMIDT, A. *Von den philosophischen Ärzten des 18. Jahrhunderts zu Feuerbach, Schopenhauer und Nietzsche*, p.120.

12 SCHOPENHAUER, A. *Der Handschriftliche Nachlass*, V. In: *Sämtliche Werke*, § 239, p. 244.

13 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 120.

de movimento e impacto”, porque querem reconduzir tudo, inclusive a vida, ao “mecanismo”¹⁴. Do mesmo modo que Schmidt e Schopenhauer concordam que o materialismo mecanicista é insuficiente, ambos lhe atribuem simplesmente uma função provocadora que o eleva sempre acima da “vaga tentativa de salvação do círculo teologizante”¹⁵ ao referir-se aos professores de filosofia¹⁶ sustentados pelo Estado.

Bem mais difícil do que apreender a posição negativa contra o materialismo mecânico, é apreender o conceito positivo do materialismo que Schmidt também acha adequado, numa certa medida, à filosofia de Schopenhauer. Por um lado, deve-se tirar do caminho os distanciamentos decididos pelo próprio Schopenhauer em relação ao materialismo, seus argumentos que não apenas atingem a versão mecânica, mas também o princípio fundamental de todo o materialismo; por outro, tem de ser encontrada ou esboçada uma forma não mecânica do materialismo que concorde em seus traços essenciais com a filosofia de Schopenhauer.

Schmidt resolve soberanamente a primeira parte da tarefa. Trata-se, sobretudo, da crítica de Schopenhauer ao materialismo como “uma filosofia de um sujeito que se esquece de levar em conta a si próprio”¹⁷. O conceito de matéria, que os materialistas tomam como ponto de partida de suas teorias é, segundo Schopenhauer, notoriamente condicionado por um sujeito do conhecimento, cujas formas de espaço e tempo são produzidas por ele e cuja ligação com os objetos tão só seu entendimento permite. Esta “visão fundamental idealista”¹⁸ é contraposta por Schopenhauer a toda forma de materialismo como seu argumento capital; não pode existir um objeto sem sujeito tal como o materialismo quer pôr como fundamento, pois sujeito e objeto, intelecto e matéria são correlatos¹⁹ e, por isso, não podem ser pensados separadamente. Nesse ponto, Schmidt adverte com razão que a correlação sujeito e objeto postas pela teoria do conhecimento tem neste um outro valor do que a questão sobre a preeminência ontológica de um sujeito do conhecimento. Ele fala de um “uso equívoco do conceito de sujeito”²⁰. Num dos casos, o sujeito é uma designação, no outro, um designado. Quando

14 SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 460-461.

15 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 112.

16 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Der Handschriftliche Nachlass*, III, p. 614.

17 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Tradução brasileira de Jair Barboza, p. 71.

18 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 45 e segs.

19 Idem, p. 61.

20 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 130. Veja-se sobre isso também MORGENSTERN, M. *Schopenhauers Kritik der Materialismus*, p. 22 e segs.

Schopenhauer transpõe a correlação sujeito-objeto para a relação intelecto e matéria, isso apenas seria válido se o conceito de matéria se esgotasse completamente em ser objeto. Assim, a matéria não poderia ser outra coisa que o objeto, a saber, representação. Schopenhauer tenta, de fato, no primeiro livro de *O mundo como vontade e representação* e no escrito sobre o princípio de razão, reduzir a matéria à conexão do tempo e do espaço por meio do entendimento. Mas, justamente porque no segundo livro ele apreende a matéria também enquanto objetivação ou visibilidade da Vontade, o conceito ganha um âmbito mais amplo e a correlação vai pelos ares.

Com isso, a argumentação capital de Schopenhauer contra o materialismo por certo se enfraquece, mas com isso Schmidt apenas afastou um obstáculo para a interpretação materialista de Schopenhauer. Para dar peso a essa interpretação, é preciso mostrar que na determinação da matéria como objetivação da vontade, a predominância da matéria sobre o intelecto pode ser fundamentada. Mesmo sem o argumento da correlação, também seria pensável uma igualdade de posições, como já afirmara Schopenhauer, quando ele considera idealismo e materialismo em pé de igualdade, ou melhor: como duas visões de mundo igualmente unilaterais. “O pleno materialismo” e o “idealismo absoluto” são ambos “verdadeiros, porém o são ao mesmo tempo; por conseguinte, sua verdade é apenas relativa, a saber, cada uma dessas apreensões é verdadeira somente a partir de um ponto de vista determinado”²¹. Schopenhauer fundamenta a unilateralidade destes pontos de vista no fato de que tornam algo como sendo originário ou primeiro, por exemplo, o Intelecto em relação à matéria, o que indica apenas um deles como dependente da vontade como essência do mundo.

Para se poder falar de materialismo em Schopenhauer, seria necessário mostrar que existe um conceito de matéria que se aproxime da concepção da vontade como coisa em si. E este é também o caminho trilhado por Alfred Schmidt. Nisso vem em sua ajuda, como já mencionado, o desenvolvimento do conceito de natureza pelos contemporâneos e os trabalhos preparatórios de Ernst Bloch.

No que diz respeito ao primeiro ponto, os fiadores de Schmidt são, antes de tudo, os “médicos filósofos” do século XVIII e do começo do século XIX, entre os quais encontra-se especialmente Pierre Jean-Georges Cabanis, pois este apresenta uma proximidade marcante com Schopenhauer por meio do seu pensamento de “uma

21 SCHOPENHAUER, A. *Parerga und Paralipomena II*, p. 13.

inteligência que quer”, a qual produz “o eterno movimento da matéria”²². Este movimento eterno da matéria não é entendido por Cabanis de modo mecânico, mas sim orgânico, ou seja, vitalista, correspondendo à Antropologia fundamentada pela ciência da natureza que ele, como médico, extraiu de pesquisas médicas, procurando transpô-la na prática. Esta substituição da “metafísica pela fisiologia”²³, segundo a expressão de Schmidt, é para ser vista em conexão com o recuo da compreensão mecanicista da natureza nas ciências naturais do final do século XVIII, que foi estimulada, entre outras coisas, pela descoberta do galvanismo, já que nele se insinuava uma conexão entre a física e a fisiologia na fundamentação das forças naturais. As forças como determinações qualitativas puseram em primeiro plano a “força vital” (Friedrich Casimir Medicus), o “impulso formativo” (Johann Friedrich Blumenbach) e “força nervosa”, conceitos centrais da discussão médica da época contra as representações de uma natureza atomisticamente construída como as subjacentes ao materialismo francês; forças elétricas e magnéticas puderam ser definidas como o elemento comum dos fenômenos físicos e orgânicos²⁴. No entanto, é preciso observar que não se trata aí de espiritualizar o conceito de natureza e voltar atrás em relação aos resultados iluministas do materialismo francês. A intenção é muito mais apreender as forças naturais – que permaneciam na visão mecanicista como um resíduo das representações teológicas – tal como as *qualitates occultae*²⁵ de Newton – tanto quanto possível, de modo científico natural. Surgiram, assim, novas ciências como a química, a eletroquímica e a biologia. Schopenhauer se insere neste intuito, embora para ele as forças da natureza como *qualitates occultae* sejam o ponto em que a ciência da natureza passa para a metafísica²⁶. Todavia, a metafísica ainda permanece em Schopenhauer como “imaneente”, já que explica a natureza como visibilidade ou objetivação da vontade. A vontade é coisa em si de modo “meramente relativo, isto é, em sua relação com o fenômeno”²⁷, como é dito numa carta a Frauenstädt²⁸.

22 CABANIS, P. J-G. *Oeuvres philosophiques de Cabanis*, p. 277 apud SCHMIDT, Alfred. *Von den philosophischen Ärzten des 18. Jahrhunderts zu Feuerbach, Schopenhauer und Nietzsche*, p. 33.

23 SCHMIDT, A. *Von den philosophischen Ärzten des 18. Jahrhunderts zu Feuerbach, Schopenhauer und Nietzsche*, p. 33.

24 Cf. Idem, p. 14.

25 Cf. NEWTON, I. *Philosophiae naturalis, principia mathematica*, p. 174.

26 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I, p. 135.

27 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Briefwechsel*, p. 291.

28 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 301-302 e segs.

Essa relação necessária da vontade com seu fenômeno, cuja expressão geral é a matéria, foi considerada por Ernst Bloch, antes de tudo, na doutrina da filosofia da natureza, como uma recomposição da vontade que se divide e dilacera a si mesma, até a identidade da vontade e da matéria²⁹. Schmidt segue esta interpretação, embora mais cuidadosamente e com uma postura própria, quando fala de uma “passagem da essência fenomênica para o fenômeno essencial”³⁰. O coincidir da vontade e da matéria teria certamente ampliado o conceito dessa última em determinações dinâmicas do ímpeto cego dividido em si mesmo. Precisamente tal determinação da matéria teria justificado o enquadramento de Schopenhauer na história do materialismo. Schmidt pode recorrer quanto a isso ao próprio Schopenhauer, quando ele se ocupa em refletir sobre o que aconteceria se a matéria, além das propriedades mecânicas, fosse fundamentalmente “dotada como ela é de todas as propriedades físicas, químicas, elétricas e também com as propriedades que a partir dela impulsionam a vida espontaneamente, portanto, a verdadeira *mater rerum* [mãe das coisas], de cujo ventre escuro todos os fenômenos e formas se elevam para então a ela retornar”³¹. Schopenhauer admite que, se um mundo se construísse sobre tal base, “o materialismo não precisaria se envergonhar dele”. Mas um tal conceito de matéria repousa numa *petitio principii*, pois os “*quaesita* [adquiridos] foram colocados entre os *data* [dados]”³². Em outras palavras, pôs-se as propriedades dos fenômenos na matéria para depois derivar a partir delas os fenômenos. Com isso, porém, nada se esclareceu e não se deu nenhum passo em direção à metafísica. Por isso Schopenhauer designa tal compreensão, à diferença do materialismo que assume uma posição metafísica, como “um mero naturalismo”, a saber, uma “física absoluta”, uma posição que desiste de esclarecer os pressupostos, “nunca se compromete a explicar as coisas a fundo” e, assim, “baseia-se, essencialmente, em nada além de *qualitates occultae*”³³.

Este naturalismo hipotético que apresenta alguma semelhança com a compreensão da natureza de Cabanis e ao qual, como mostrou Bloch, correspondem importantes tradições histórico-filosóficas³⁴, tem dois lados; um, expõe uma crítica justificada do materialismo mecanicista e uma correção do mesmo fundamentada num

29 BLOCH, E. *Das Materialismus problem, seine Geschichte und Substanz*, p. 274.

30 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 119.

31 SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 461.

32 Idem, *ibidem*.

33 Idem, p. 462.

34 Idem, p. 183-184.

conceito de matéria “qualificada”³⁵; outro, deixa totalmente de lado a necessidade de uma fundamentação metafísica, sem a qual o fisicalismo nada tem a opor ao espiritualismo, pois fica em aberto se as *qualitates occultae* devem reconduzir à matéria ou a uma inteligência – do mesmo modo que, para dar um exemplo atual, o estabelecimento de correlações entre estados neuronais e mentais nada diz sobre a precedência de um dos correlatos. Em vista da questão sobre uma interpretação materialista de Schopenhauer é, pois, decisivo se a sua explicação metafísica das forças da natureza buscada numa explicação da ciência natural é apta para construir a partir do naturalismo um materialismo dinâmico fundamentado metafisicamente. Este seria o caso – como formulou Schmidt – de uma interpretação “energética”³⁶ da metafísica da vontade, em que vontade e matéria coincidissem numa mesma substância e que não apenas, tal como o materialismo mecanicista, tivessem em si as determinações da extensão, durabilidade e mobilidade, mas também o esforço (*Streben*) como origem do movimento e das forças. Schopenhauer fica próximo de uma tal interpretação em várias formulações. Por exemplo, quando escreve que “a matéria não pode ser apreendida objetivamente ou intuída em si mesma”, separada, portanto, da forma, baseia-se em que ela [a matéria] em si mesma e como a pura substancialidade dos corpos seria, de fato [!], “a própria vontade”³⁷. Ernst Bloch já tinha concluído, como apontado anteriormente, a partir de tais formulações, por uma “junção final” da vontade e da matéria, por meio da qual a matéria se tornaria o “o núcleo da coisa”³⁸. A matéria, que na teoria do conhecimento de Schopenhauer é apresentada como nula e aparente, na metafísica da vontade torna-se, de acordo com Bloch, o “corpo da vontade” ou o “cerne do impulso”³⁹.

Alfred Schmidt, como já dito, segue com reservas a argumentação de Bloch. Ele adverte para o fato de que a matéria também aqui é apenas “visibilidade da coisa em si – e não ela mesma”⁴⁰. E ele mostra que a metafísica da vontade pode ser interpretada tanto “psíquica” como “energeticamente”⁴¹, mas que também a equiparação da coisa em si com o aspecto produtivo dinâmico da matéria não é obrigatória. A favor de tal

35 Idem, p. 182.

36 Idem, p. 184.

37 Idem, p. 451.

38 Idem, p. 362 e segs.

39 Idem, p. 359.

40 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 118.

41 Idem, p. 123.

equiparação, fala a irracionalidade da vontade metafísica, que, como “ímpeto cego”, parece nada mais ter a ver com o querer consciente nas ações humanas, a partir de onde foi transposta para a natureza. Mas tem-se que acrescentar – como percebera Bloch⁴² – que a matéria e a vontade têm que concordar no caráter da substancialidade. A isso se contrapõe que Schopenhauer remeta o conceito de substância à forma de intuição do espaço e, assim, o tenha reservado para o fenômeno: tal conceito não pode, pois, ser atribuído à coisa em si. A substância é um conceito “objetivo”, a vontade, em contrapartida, essencialmente “subjativa”⁴³. Sobre isso, Schopenhauer ponderou muito consequentemente que a matéria só pode ser chamada de “substância” em relação ao conjunto de todos os objetos do mundo como representação⁴⁴, mas nunca se pode chamar substância a matéria como coisa em si⁴⁵; é apenas de modo analógico⁴⁶ que ele fala de substância e acidente a respeito da relação da vontade e do intelecto no ser humano. Por fim, fala contra uma interpretação “energética” da metafísica da vontade o fato de que Schopenhauer se volte explicitamente contra o entendimento da matéria a partir do conceito de força.

Pois ao conceito de *força* subjaz como a todos os outros, em última instância, o conhecimento intuitivo do mundo, isto é, o fenômeno, a representação, justamente no que se esgota qualquer conceito. [...] O conceito de *Vontade*, ao contrário, é o único dentre todos os conceitos possíveis que não tem sua origem no fenômeno, não a tem na mera representação intuitiva, mas, antes, provém da interioridade, da consciência imediata do próprio indivíduo [...]⁴⁷.

Uma melhor candidata para um materialismo dinâmico seria a filosofia da natureza de Schelling, cujo princípio, ao partir da natureza como produtividade, que se divide, é assimilado por Schopenhauer de modo inteiramente modificado, quando ele baseia sua doutrina da natureza na vontade dividida em si. Certamente essa proximidade fica encoberta pela conhecida censura que Schopenhauer lança a Schelling; também nas anotações e referências aos escritos de Schelling quase só se encontram críticas e

42 BLOCH, E. *Das Materialismus Problem, seine Geschichte und Substanz*, p. 273 e segs.

43 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 450. Compare-se com *Parerga e Paralipomena I*, p. 82.

44 Sobre isso, veja-se detalhadamente em KOSSLER, M. *Substancielles Wissen und subjektives Handeln, dargestellt in einem Vergleich von Hegel und Schopenhauer*. Frankfurt a.M., 1990, pp. 99-107.

45 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I, p. 17.

46 Cf. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 308.

47 SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I, p. 170-171.

polêmicas. Entre as citações à filosofia da natureza, interessa ao nosso tema que Schopenhauer acuse Schelling por querer “colocar a física no trono da metafísica, recusando esta última como uma pretendente rejeitada”⁴⁸. Ele também queria dizer que Schelling tinha levado a cabo o que ele mesmo revelou ser “mero naturalismo”, a saber, “física absoluta”. Até que ponto Schelling faz jus a isso não é o caso de se investigar aqui. Mas fica claro, pelas anotações, que Schopenhauer se contrapõe com desconfiança e repulsa a uma filosofia que, como explica Schelling, quer reconduzir o ideal ao real e observa, como “a primeira máxima de toda ciência da natureza, explicar tudo a partir da forças naturais”⁴⁹.

Schelling não faz parte dos filósofos materialistas (e, em Schmidt, ele não aparece na linha dos precursores do materialismo moderno), pois a filosofia da natureza constitui nele apenas uma parte ou um aspecto do sistema da ciência, ao qual pertence igualmente a filosofia transcendental. Na filosofia da natureza, partir do objetivo tem de equiparar-se a partir do subjetivo. Isso lembra muito o que ouvimos dizer Schopenhauer sobre a verdade unilateral do materialismo e do idealismo. Também essa doutrina de Schelling⁵⁰ retorna em Schopenhauer, que, em face da filosofia da natureza fundada metafisicamente, mantém-se também ligado à filosofia transcendental (pelo menos no sentido de Kant). Alfred Schmidt não confere ao transcendentalismo fundamental da teoria do conhecimento nenhum significado importante, quando fala num “materialismo vitalista, que, ao mesmo tempo, ‘esquece’ a condição transcendental”⁵¹. Mas ele leva a sério a subjetividade da vontade, pois leva em consideração um novo tipo de “metafísica imanente”. E, justamente aqui, abre-se para ele uma surpreendente ligação com o materialismo dialético em Marx e Engels.

O subjetivo entra em jogo na metafísica da vontade de Schopenhauer na medida em que a percepção subjetiva genuína do próprio ato de vontade como o lado interior de uma ação do corpo (objetiva) é tomada como chave para a interpretação da natureza e do mundo. “O conjunto da experiência” – escreve Schopenhauer no capítulo *Sobre a necessidade metafísica do homem*, com a intenção de mostrar como seu novo conceito de metafísica se apresenta sem um mundo que se imiscuiu por detrás – “é como um

48 SCHOPENHAUER, A. *Der Handschriftliche Nachlass*, V, p. 144.

49 SCHELLING, F. W. J. *Einleitung zu einem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie*, p. 21.

50 Schelling, ao contrário, é citado por Schmidt como ligado ao conceito de natureza em Goethe: SCHMIDT, A. *Die Natur im Dichten und Denken Goethes*, p. 26.

51 SCHMIDT, A. *Idee und Weltwille. Schopenhauers als Kritiker Hegels*, p. 91.

código secreto, e a filosofia proporciona a decifração do mesmo, cuja veracidade é confirmada pela continuidade e conexão que aparecem em toda parte. Se tudo isso é considerado de maneira suficientemente profunda, e a experiência interior for conectada à exterior, deve ser possível *interpretar* o enigma, *explicando-o* a partir de si mesmo”⁵².

Alfred Schmidt foi um dos primeiros que ficou atento a esse caráter ‘hermenêutico’ da filosofia de Schopenhauer, que ele indicava como “hermenêutica do mundo”⁵³. O subjetivo como chave para a interpretação do mundo não é o eu como princípio abstrato, tal como no transcendentalismo, mas sim o ser humano como ser corpóreo. Ele está inseparavelmente ligado com o objetivo, com a matéria, não ao modo de uma correlação, mas na relação da expressão com o expresso. A corporeidade do ser humano que o expõe ao sofrimento e que impede a satisfação duradoura é a medida que a “chave para o enigma do mundo”⁵⁴ tem de respeitar. A vontade, na metafísica de Schopenhauer, não é nem um princípio ontológico nem uma substância energética; não é nada de objetivo, mas algo puramente subjetivo. Mas o sujeito é o que tem sede, que sofre e se revolta. Já que a natureza se expõe por meio dessa subjetividade, ela é duplamente mediada: por um lado, o sujeito determina a objetividade e a materialidade; por outro, a sua essência (da natureza) é determinada pela subjetividade que sente e se esforça.

Essa “sensibilidade” da natureza duplamente fundamentada é, penso eu, o que Alfred Schmidt põe no centro da sua interpretação materialista de Schopenhauer e aquilo que faz do pessimismo, como já exposto de início, o “secreto liame entre o materialismo e a metafísica”⁵⁵. Um trecho de *O mundo como vontade e representação*, citado de bom grado e com frequência por Schmidt, afirma que a necessidade metafísica “segue as pegadas do físico”⁵⁶, que também se remete essencialmente à “finitude da existência” e “ao caráter vão de todo esforço” (Idem). Um materialismo “esclarecido” e crítico, que não compreende a matéria como um dado objetivo, mas como algo mediado subjetiva e socialmente, aproxima-se em muitos aspectos da “hermenêutica do mundo” de Schopenhauer. E um materialismo desse tipo foi trabalhado por Schmidt em Marx, que escreveu na primeira tese sobre Feuerbach: “A falta capital de todo materialismo até

52 SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 278.

53 SCHMIDT, A. *Die Wahrheit im Gewande der Lüge*, p. 121.

54 SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 274.

55 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 144.

56 Idem, p. 148. SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tomo II, p. 251.

então [...] é que o objeto, a efetividade, a sensibilidade, só são apreendidas sob a forma do objeto ou da intuição, não, porém, subjetivamente, como atividade sensível, práxis do ser humano”⁵⁷. Aqui vê Schmidt o papel de Schopenhauer na história do materialismo – não incondicionalmente como representante genuíno da doutrina materialista, mas como alguém em quem “ainda hoje o pensamento materialista se conservou”⁵⁸.

Referências bibliográficas

CABANIS, Pierre Jean-Georges. *Oeuvres philosophiques de Cabanis*. Segunda parte Ed. Claude Lehec e John Caseneuve. Paris, 1956.

BLOCH, Ernst. *Das Materialismus Problem, seine Geschichte und Substanz* (Gesamtausgabe, Vol.7). Frankfurt/Mainz, 1972.

LÜTKEHAUS, Ludger. *Ist der Pessimismus ein Quietismus? Überlegungen zu einer Praxisphilosophie des Als-ob*. In: HÜHN, L. *Die Ethik Arthur Schopenhauers im Ausgang vom Deutschen Idealismus (Fichte/Schelling)*. Würzburg, 2006, pp. 225-238.

KOSSLER, Mathias. *Substancielles Wissen und subjektives Handeln, dargestellt in einem Vergleich von Hegel und Schopenhauer*. Frankfurt a.M, 1990.

MALTER, Rudolf. *Der eine Gedanke. Hinführung zur Philosophie Schopenhauers*. Darmstadt, 1988.

MARX, Karl. *Thesen über Feuerbach*. In: Marx/Engels. *Werke*. Vol. 3. Berlim, 1969.

MORGENSTERN, Martin. *Schopenhauers Kritik der materialismus*. In: Schopenhauer-Jahrbuch 94 (2013), pp. 13-20.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. KSA, 599.

NEWTON, Isaac. *Philosophiae naturalis, principia mathematica*. Londres, 1785. Reimpressão Stuttgard-Bad Cannstatt, 1964.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Josef. *Einleitung zu einem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie*. Stuttgart, 1988.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sämtliche Werke*. Hrsg. von Paul Deussen. München: Piper Verlag, 1911-1941. In: “*Schopenhauer im Kontext III*” - Werke, Vorlesungen, Nachlass und Briefwechsel auf CD-ROM (Release 1/2008).

_____. *Parerga und Paralipomena I/II*. In: *Sämtliche Werke*. München: Piper Verlag, 1911-1941.

_____. *Der Handschriftliche Nachlass*. In: *Sämtliche Werke*. Bd. XI. München: Piper Verlag, 1911-1941.

57 MARX, K. *Thesen über Feuerbach*, p. 5. Compare-se com SCHMIDT, Alfred. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 140.

58 SCHMIDT, A. *Schopenhauer und der Materialismus*, p. 105.

_____. Briefwechsel. In: *Sämtliche Werke*. München: Piper Verlag, 1911-1941.

SCHMIDT, Alfred. *Die Wahrheit im Gewande der Lüge. Schopenhauer Religionsphilosophie*: München, 1986.

_____. Schopenhauer und der Materialismus. In: *Tugend und Willauf. Vorträge auf Aufsätze über die Philosophie Schopenhauers* (1960-2003). Frankfurt a.M., 2004, pp. 105-149.

_____. Von den philosophischen Ärzten des 18. Jahrhunderts zu Feuerbach. Schopenhauer und Nietzsche. In: *Philosophie des Leibes. Die Anfänge bei Schopenhauer und Feuerbach* (1960-2003). Frankfurt a.M., 2004.

_____. *Idee und Weltwille. Schopenhauers als Kritiker Hegels* München/Wien, 1988.

_____. Die Natur im Dichten und Denken Goethes. In: *Durchgeistige Natur. Ihre Präsenz in Goethes Dichtung, Wissenschaft und Philosophie*. Ed. Por Alfred Schmidt e Klaus-Jürgen Grün. Frankfurt a.M., 2000, pp. 15-28.

Recebido: 30/01/15
Received: 01/30/15

Aprovado: 10/03/15
Approved: 03/10/15